

## <sup>1</sup> A construção do futebol nas imagens de "Ora Bolas"

<sup>2</sup> Mariana Harumi S. Fugikauva

<sup>3</sup> Luciana P. Souza

UNISO-Universidade de Sorocaba, SP

### Resumo

Este presente artigo apresenta reflexões sobre a construção do futebol pelas imagens e texto do livro infantil "Ora Bolas" de Paulo Tatit. O objetivo é o de compreender como o livro infantil constrói no imaginário infantil, a partir da linguagem visual, a figura do jogador de futebol como herói. As imagens terão a semiótica peirciana como guia para a análise das camadas de sentido. A relevância desse artigo dá-se pela possibilidade de se pensar sobre a cultura do futebol no universo infantil.

**Palavras-chave:** Comunicação. Futebol. Livro infantil. Semiótica.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação e Cultura UNISO, email: [harumimariana@hotmail.com](mailto:harumimariana@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora Doutora do Programa de Mestrado de Comunicação e Cultura da UNISO: [Luciana.sousa@profuniso.br](mailto:Luciana.sousa@profuniso.br)

## Introdução

O propósito deste trabalho é o de analisar a história contada pelas imagens do livro "Ora Bolas", livro infantil de Paulo Tatit e Sandra Peres, derivado de projeto da dupla musical formada em 1994 que recebeu o nome de Palavra Cantada. O livro "Ora bolas" tem como tema predominante o futebol que, acompanhando a cultura do futebol há anos disseminada pelas mídias dirigidas a adultos - revista de futebol (como a Placar), caderno de esporte dos jornais (mais de 50% dedicado ao futebol), inúmeros programas esportivos, televisionamento de Jogos de todos os Campeonatos, municipal, estadual, Brasileiro, internacional, Europeu, ligas, Copas - propicia a adesão das crianças pelo esporte e pelas mídias.

Além de livros infantis com uma diversidade de títulos sobre o tema e voltados para a infância, há na TV Cultura o programa Cartãozinho Verde, o único programa televisivo de futebol exclusivo para o público infantil. Nele, as crianças fazem comentários sobre os jogos da semana; apresentam-se matérias especiais e entrevistas com jogadores e técnicos.

O livro infantil, como gênero literário, traz informações importantes do universo a que se reporta, nosso foco se dará em busca da compreensão da construção do futebol na infância e o que ele agrega no imaginário infantil: fantasias, sonhos, possibilidades imaginárias e simbólicas.

O livro é composto por texto literário em formato de poesia embolada, poesia circular, gênero poético de uso muito comum no nordeste brasileiro. Segue o texto do livro.

Oi oi oi,  
Olha aquela bola  
A bola pula bem no pé, no pé do menino

Quem é esse menino?  
Esse menino é meu vizinho!  
Onde ele mora?  
Mora lá naquela casa!  
Onde está a casa?  
A casa tá na rua!  
Onde está a rua?  
Tá dentro da cidade.  
Onde está a cidade?  
Tá do lado da floresta!  
Onde está a floresta?  
A floresta é no Brasil!  
Onde está o Brasil?

Tá na América do Sul, no continente americano,  
Cercado de oceanos e das terras mais distantes  
De todo o planeta.

E como é o planeta?  
O planeta é uma bola,  
Que rebola lá no céu.

Oi,oi,oi.  
Olha aquela bola (Tatit, 2005)

## 2.0 - Sobre o futebol no Brasil

Santos Neto (2002) considera que, ao ser inserido no Brasil, o futebol aderiu à nossa cultura e nos individualizou. O autor inicia sua narrativa sobre a história do futebol no Brasil no ano de 1872, quando apenas 15,8 por cento da população brasileira era alfabetizada, realidade que só apresentou preocupações dez anos depois, quando em 1882, o então deputado Ruy Barbosa, pelo partido Liberal, apresentou na Câmara seu parecer sobre a reforma do ensino primário e a inclusão da educação física nas escolas.

Iniciam-se, assim, os incentivos esportivos no país, figurando o futebol como uma das modalidades com mais adesão pelos alunos de colégios brasileiros, na sua maioria associados à igreja e à elite.

O colégio precursor do futebol - colégio jesuítico São Luís, na cidade de Itu/SP - tornou conhecido o aluno Arthur Ravache. A partir de então, o esporte que veio para ser apenas uma ferramenta pedagógica passa a se popularizar nas indústrias, faculdades, colégios, fábricas de todo o país. Os times de elite criaram seus próprios campos e o futebol que ficou conhecido como "varzeano"; colônias pátrias instaladas no Brasil formaram seus times, outros foram surgindo de forma homogênea (time de mulatos e negros; de bairros carentes...) com alto grau de identificação.

O primeiro grande jogo de destaque ocorreu em 19 de outubro de 1901, quando São Paulo jogou contra Rio de Janeiro. Esse confronto foi um absoluto sucesso e os estados foram fundando instituições para representar o futebol. A primeira foi no estado de São Paulo - a Liga Paulista de Futebol, que reunia cinco times da elite. Quatro anos depois o Rio de Janeiro funda a liga Metropolitana. Assim foi crescendo o futebol e tomando dimensões que saíram do controle da elite. Em 1912 as ligas começaram a aceitar equipes advindas da várzea, abrindo-se uma nova porta para a história do futebol Brasileiro.

No início da luta pela popularização do esporte, Bruhns, (2000 p.55), relata que o esporte era considerado bruto por nomes notórios no país - Lima Barreto e Graciliano Ramos - e com pouca probabilidade de vida longa. Também foi mal visto, inicialmente, pelos comunistas e anarquistas; mas, segundo a mesma autora, ao perceberem a força do esporte entre as classes operárias pretenderam fazer uso do esporte como força política. Assim, o futebol adentra a história do Brasil em seus diversos âmbitos sendo escrito junto à política, educação e cultura.

Ao findar a segunda guerra mundial o esporte já havia se tornado uma forte indústria regulamentada, clubes com hierarquias paternalistas com diretores que determinavam a vida dos jogadores, relata Levine (1982).

Em 1950 a seleção brasileira classificou-se em segundo lugar na copa do mundo, com uma perda dramática para o Uruguai, mas ganhou fama pelo belo estilo de jogo e jinga que acompanha os brasileiros até hoje, para Lopes e Maresca (1992), a derrota funcionou como metáfora das várias derrotas da sociedade brasileira na época, perdeu-se a chance de deixar a fama de povo destituído frente aos outros países.

De lá para cá, acompanhamos o futebol brasileiro dar grandes passos e também retrocessos. Centrando-nos, agora, nos estudos sobre o futebol no Brasil, o fato de que ele adentra a agenda acadêmica em 2011, quando da XIII jornada multidisciplinar na Universidade Estadual Paulista de Bauru, cujo tema, "futebol, comunicação e cultura", originou o livro organizado por Marques e Goulart pelo conselho editorial Intercom. O livro discute os temas propostos na jornada que se iniciou com provocações como: "O futebol é a

maior expressão democrática de nossa trajetória" ( Da Matta, 2012, p.12); “O futebol é um paradoxo da escravidão como um mal nunca superado, e ao mesmo tempo, um bem valioso em nossa existência, não pela escravidão enquanto tal – o que é obvio e gritante nos céus -, mas pela amplitude da humanidade que desvelou” (Wisnik, 2012, p.12). A jornada discute torcidas como manifestação popular, nela todos se igualam e militam juntos nas ideias de Toledo (2012), globalização e futebol, onde as histórias locais do futebol possuem imenso peso internacional que se propaga e unifica segundo Alabarces (2012); diversos autores como Goulart, Marques, Talamoni, Bertolli Filho e outros autores enfatizam as narrativas do cinema voltadas ao futebol, e assim consolidam academicamente ainda mais a importância e o atrelamento do futebol ao nosso país.

### 3.0 - Análise das imagens de "Ora bolas"

O método para análise das imagens do livro se pautará nas ideias de Peirce, para quem a questão de se ler o mundo como linguagem é uma questão semiótica. Desta teoria, lançamos mão de um pequeno recorte, o que possibilita que o percurso do olhar nesta análise se dê calcado nas três categorias fenomenológicas de Peirce: o olhar contemplativo, ancorado na primeiridade; o observacional, na secundidade e o olhar interpretativo pautado na terceiridade.

O primeiro olhar apreende qualidades (qualissignos) advindas da materialidade do signo, tais como formas, cores, textura, dimensão, direção; o segundo olhar apreende signos singulares (sinsignos) que discriminam, nomeiam, identificam nas formas o referente/objeto e, finalmente, o terceiro olhar generaliza (legissigno), realiza a síntese: interpreta à luz de convenções culturais qualidades e referentes.

Diante disso, não faremos uso insistente da terminologia peirciana, adotaremos essa metodologia instituída e balizada por Santaella (2002) num percurso que obedece à lógica do signo e da teoria peirciana como um todo. Analisamos, assim, signos (imagens) que representam o universo do futebol (objeto dinâmico) e que produzem na mente de possíveis leitores interpretantes (emocionais, energéticos e lógicos).

Seguem imagens do livro na mesma sequência nele apresentadas, para que possamos realizar a análise semiótica.

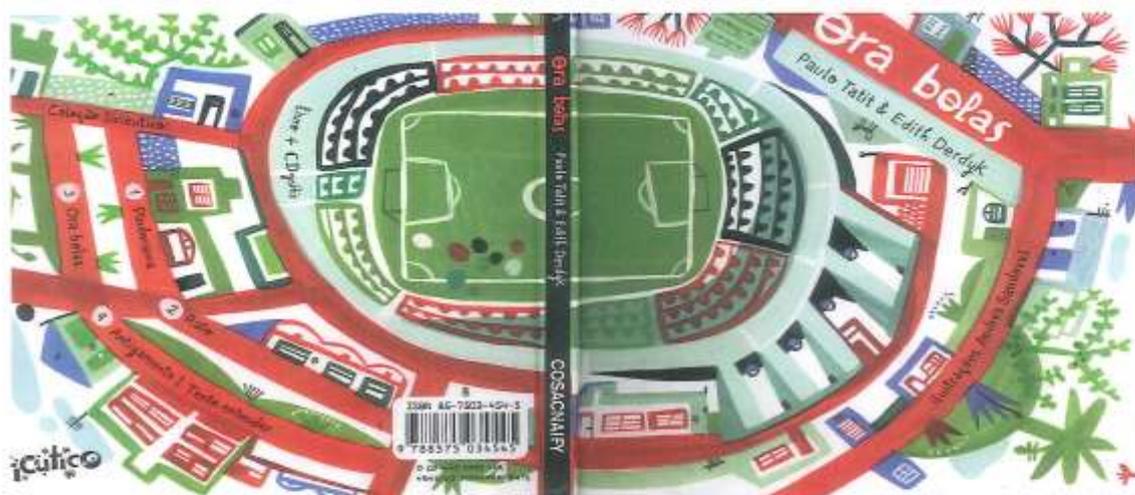


FIGURA 0.0- CAPA DO LIVRO

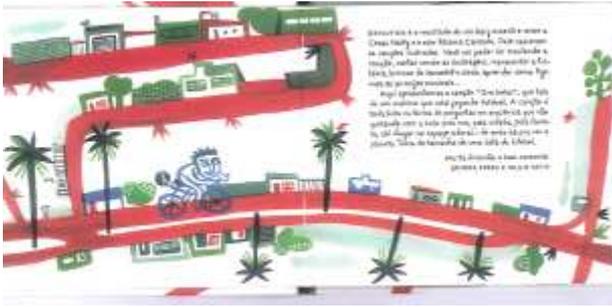


FIGURA 1.0



FIGURA 2.0



FIGURA 3.0-



FIGURA 4.0-



FIGURA 5.0-



FIGURA 6.0-

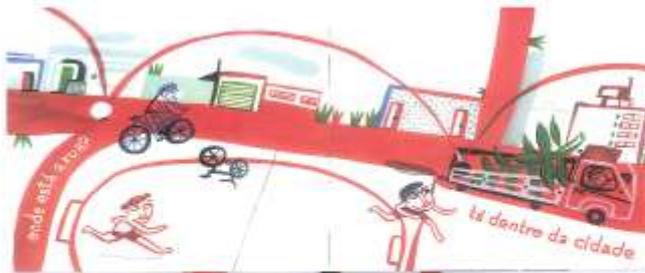


FIGURA 7.0-



FIGURA 8.0-



FIGURA 9.0-



FIGURA 10.0



FIGURA 11.0-



FIGURA 12.0-



FIGURA (13.0)



FIGURA 14.0-



FIGURA 15.0-

Valorizamos, inicialmente, os aspectos nos quais a análise da semiótica pode ser explorada na instância da primeiridade ou no olhar contemplativo, que nos prende ao sensorial, às qualidades das cores, linhas e formas, movimento, luz, perspectiva ou ausência dela. Ao contemplarmos essas imagens do livro, capturamos os qualissignos. Linhas cumprem um trajeto que sugere o caminho da bola, ligando os meninos e a cidade, e a floresta e o país e o continente. Deslocando as páginas ao mesmo tempo em que as vincula, percebemos que essa linha continua em perfeita sequência, ligando uma página à outra.

As cores verde, vermelho, azul e branco, acompanham todo o livro. São elas as primeiras qualidades capturadas pelos nossos sentidos. Centrando-nos na cor vermelha e na forma em que ela se materializa, vêm-nos associações que, na semiótica peirciana, nos levam ao ícone - modo em que o signo representa o objeto alicerçado nas relações de semelhança.

A linha vermelha, parte de um estádio leva-nos a compará-lo com um coração. O caminhar da linha suscita-nos a analogia com uma artéria, que nos remete, por sua vez, à corrente sanguínea. Nesse caminhar, essa linha que agora se investe desses sentidos metafóricos, atravessa o Brasil... passando pela casa, pela rua, pela cidade, pela floresta, vai até a América do sul, pelo continente americano e pelos oceanos, e nas terras mais distantes de todo planeta.

O olhar observacional nos avisa que a linha vermelha que nos remete à corrente sanguínea é, na verdade, uma estrada de terra, por onde percorre um menininho negro na sua bicicleta, levando na garupa a bola amarrada, na figura (1.0).

Na busca da compreensão da imagem encontramos em Chevalier (2001, p. 132) a simbologia da bicicleta. Para este autor,

A bicicleta trata-se de um transporte movido pela pessoa que dele se utiliza, ao contrário dos outros veículos que são movidos pela força alheia. O esforço individual e pessoal afirma-se, com a exclusão de toda e qualquer outra energia, a fim de determinar o movimento para frente.

A simbologia que desponta desses signos inserem-se no olhar interpretativo. Não poderíamos ter outro transporte tão elucidador da força de vontade e determinação desses pequenos brasileiros. A imagem também se liga ao senso comum cultivado no país, que diz que todo menino brasileiro gosta de bola, que o futebol pode te lançar a caminhos mais distantes, parece a bola ser o passaporte de esperança dos meninos brasileiros. Nesta terra de um povo com história onde as oportunidades universitárias não são para todos, a bola parece ser uma importante alternativa.

Temos também outro forte signo simbolizando a brasilidade, o caminhão: uma opção de trabalho dos meninos com dificuldades para permanecer nos estudos. A imagem do caminhão aparece nas páginas do livro e acompanha o desenrolar do trajeto do menino e da bola; o caminhão traz inclusive ditos populares como “O Brasil se movimenta sobre as rodas de um caminhão”, “Sem caminhão o Brasil para”. No livro o caminhão se faz presente nas figuras (7, 8, 9 e 11). Trata-se do mesmo caminhão se deslocando junto à bola e ao menino, a caçamba em todas as suas imagens se assemelha à rede do gol, sempre trazendo o futebol para os nossos pensamentos.

Na figura 2 temos o início da partida, a bola que outrora estava na bicicleta, agora é lançada nos pés dos meninos: desenhando o caminho da bola, um risco vermelho vai delineando um traço que continua página a página. A bola vai sendo lançada e nos surpreende com os caminhos que vai abrindo junto às imagens que apresentam ausência de perspectiva. As linhas do caminho da bola criam ritmo, segundo Souza (2010, p. 67) "todo e qualquer signo traz esta aparência de mobilidade, até uma mancha sobre um fundo claro oferece a um olho sensível o espetáculo expansivo de um movimento."

Na figura 8 e na figura 11, o motorista do caminhão aparece na caçamba-gol, com o corpo disposto na posição de um goleiro que se joga para defender a entrada da bola, e ao mesmo tempo notamos que ele jogou sua bola para que o

menino a levasse com ele. O menino, hoje caminhoneiro, cresceu e trabalha, mas ainda joga bola, como muitos dos brasileiros que hoje não são mais meninos. A bola parece realizar o reencontro da criança interior, que Abrams (1990) relata como esse retorno a infância, e a bola simboliza os sonhos que permanecem através daqueles que a lançam “às terras mais distantes”. Nesta mesma figura o homem, caminhoneiro, goleiro e arremessador, que carrega em sua caçamba a banana brasileira até o porto para exportá-la ao mundo, também exporta o menino. E quantos dos nossos meninos já foram exportados com suas bolas! Temos jogadores nacionalizados em todos os países, produzimos mais do que comportamos em território nacional, a banana parece como uma metáfora explorando nossa produção que é direcionada a territórios internacionais.

Na figura 12 somos inundados pelo azul, Chevalier (2001, p.107) diz “azul é a mais profunda das cores: nele o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito, como diante de uma perpétua fulga de cor”. O azul é repleto de possibilidades, e o autor continua dizendo que o azul é o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário. A página que se toma de azul é ancorada pela frase “E das terras mais distantes de todo planeta”, o menino rema em sua canoa, seu olhar está voltado para o céu, as ondas do mar, nas quais ele navega, tornam-se seta... Seguir em frente, este é o caminho do menino que troca a realidade pelo sonho, o real pelo imaginário.

Ainda no azul desta imagem temos um pássaro que anuncia a nova mensagem dos céus para o menino. Chevalier (2001, p.687) relata a simbologia dos pássaros como sendo eles os mensageiros da divindade, associados aos anjos e figuras celestiais, o pássaro simboliza a alma a libertação do corpo e o voo, a passagem para uma nova vida.

Na figura 13, temos o menino chegando a um destino, uma única frase acompanha a imagem, “e como é o planeta?”. A imagem do menino em sua canoa com sua bicicleta e sua bola, aparece cercada de quatro pequenos círculos contendo ao centro uma estrela de cinco pontas. Para Chevalier (2001), estrela de cinco pontas é chamada de estrela do oriente (nascimento de cristo) ou da iniciação, pois simboliza o homem perfeito, com Deus manifestando-se plenamente no “iniciado” em seus cinco aspectos: físico, emocional, mental, intuitivo e espiritual. O número quatro tem

ligações simbólicas ligadas ao quadrado e à cruz. Quatro cantos do mundo, quatro pontos cardeais, quatro cores primárias. O menino é iniciado, nasce para uma nova fase em sua vida, novas descobertas, “ E como é o planeta? ”, Explorando os quatro cantos do mundo, podemos responder como ele é.

Finalmente na figura 14, encontramos o ciclo que se inicia, tão análogo à bola. O menino ao chegar a seu destino, novamente dá o pontapé inicial, em outro canto do mundo e uma nova partida inicia. O texto diz “ O planeta é uma bola que rebola lá no céu”, em seguida, a outra página (figura 15) retoma o texto inicial, “ oi oi oi olha aquela bola”. O texto dialoga com as imagens que circulam dando significado ao tema, e retomam seu ponto inicial reestabelecendo um novo ciclo... o ciclo da bola no pé do menino, de tantos meninos do nosso Brasil.

### **Considerações**

O livro "Ora bolas", pelas vias das representações visuais e do texto verbal, descreve a trajetória de tantos meninos brasileiros encantados pela bola. A análise trouxe-nos informações importantes do universo a que se reportam, e trouxeram à luz da consciência, a compreensão da construção do futebol na infância, e toda complexidade que envolve fantasias, sonhos, possibilidades imaginárias e simbólicas o que despertam e o que relatam. O livro é composto por texto literário em formato de poesia embolada, poesia circular, que sempre se retoma, gênero poético acompanhado pelas imagens circulares e elucidando os ciclos da vida. Nessas idas e vindas é o menino/jogador que atravessa o tempo, o espaço e retorna em busca dos sonhos.

### Referências Bibliográficas

- ABRAMS, J. (et al). **O reencontro da criança interior**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- AGUIAR, F. (et al). **O olhar**. São Paulo: Cia das letras, 1995.
- BYINGTON, Carlos. **A riqueza simbólica do futebol**. *Psicologia Atual*, São Paulo, v.5, n.25, p. 20-32, 1982.
- CAMPBELL, J. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Cultrix, 1995.
- CHEVALIER, J.; GUEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2001.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- EDINGER, E. **Ego e arquétipo**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- HELAL, R.- “**Cultura e Idolatria: Ilusão, Consumo e Fantasia**” in Rocha, Everardo (org.) *Culturae Imaginário* - Rio de Janeiro, Mauad, 1998.
- HELAL, R.- “**Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói**” - in *MotusCorporis*, Rio de Janeiro, UGF, 1998.
- HELAL, R.; GORDON J., CESAR, C. **Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol** in *Estudos Históricos*, FGV, 1999.
- HELAL R.; MURAD, M. **Alegria do Povo e Don Diego: um ensaio sociológico sobre oêxtase e a agonia de heróis do futebol** - in *Pesquisa de Campon° 1 - Núcleo de Sociologia do Futebol, Departamento Cultural, UERJ*, 1995.
- LUCI B. LEITE E IZABEL GALVÃO (org.). **A Educação de um Selvagem**. Editora Cortez, São Paulo, 2000.
- ROSENBERG, B; et al - **Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Cultrix,
- SANTAELLA, L., NOTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. Cosac Naify, 2002.
- SILVEIRA, N. **O mundo das imagens**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1992.
- SOUZA, L. **A trama do texto e da imagem: um jogo de espelhos**. São Paulo: Annablume, 2010.
- TATIT, P.; DERDYK, E. **Ora Bolas**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.